

A PASSAGEM DA ORALIDADE À ESCRITA: O MITO DO INSUCESSO ESCOLAR *

*Raul Iturra ***

1 — O Problema

Deparamo-nos com um alto número de estudantes no ensino primário, secundário e superior, submetidos ao rótulo do insucesso escolar, da forma como tem sido documentado pelo Ministério da Educação.

Talvez a geração anterior tenha também tido este tipo de problemas, de entender o que lhe era ensinado, pelo menos nas instituições de ensino primário. Todavia, o conhecimento ou não desse facto, não parece ter tido muita importância nem ter dado azo a tentativas da sua resolução, até um passado mais ou menos recente. É quando Portugal se coloca a par dos outros países da Europa que o insucesso escolar passa a ser um problema que chama a atenção e que se procura solucionar. Mas qual o conteúdo do insucesso que hoje causa preocupação e que leva a criar Escolas Superiores que ensinam a ensinar, enquanto ainda existem docentes que aprenderam para reproduzir saber, e até não há muito, os regentes escolares? Qual o conteúdo do insucesso que até há pouco não chamava a atenção, não importando se as pessoas sabiam ou não da sua existência? De facto, legislação actual que fala do problema, ao definir os objectivos da promoção do sucesso escolar, coloca o assento na melhoria da qualidade escolar e na eficiência do ensino, com um conjunto de intenções tautológicas. Elas vão desde a definição da idade em que a criança se deve começar a familiarizar com a escola e suas técnicas, até ao reconhecimento de que há zonas do país onde a taxa de insucesso é maior, à sugestão de reforço da alimentação, melhoria do acesso às escolas e dos seus materiais didácticos, passando pela introdução de tempos livres e actividades desportivas na lógica escolar.

* Pesquisa em curso, por parte duma equipa de Antropólogos - Raul Iturra, Filipe Reis, Nuno Porto e Paulo Raposo - Financiada pela J.N.I.C.T.
Versão portuguesa de Ricardo Vieira

** Prof. Catedrático de Antropologia Social - ISCTE

A resolução do Conselho de Ministros de Julho de 1988 e as estruturas que manda criar são uma forte aposta no regimen da escola e nos programas que para ela tem estruturado. É aqui que aparece um primeiro facto que ajuda a entender. A escola constitui um lugar onde se ensina um conhecimento, onde o real é abstraído e interpretado conforme os principais canones que reproduzem a sociedade: o cálculo de como distribuir recursos numa sociedade que avança para uma preponderância da industrialização, passando da teoria da sociedade onde as pessoas e as suas qualidades são a base da produção do social e do entendimento dos fenómenos, a uma teoria onde há uma preponderância da reprodução de bens, e onde o cálculo do PIB toma o comando. Não é por acaso que a resolução do problema insiste na língua portuguesa e na matemática: é a unificação nacional do pensamento e o cálculo abstraído do quotidiano que está em jogo, a dinamização das qualidades abstractas do pensamento para além da pessoa, já que a reprodução social se faz por meio de uma teoria que abstrai os fenómenos recorrentes.

2 — O Mito do Insucesso Escolar

É a passagem de uma forma de sociedade a outra, o que se processa na formação da juventude. Portugal, é como se sabe, um país de grande heterogeneidade na composição da sua população. Ela divide-se não só entre a ruralidade e o urbano, bem como entre ruralidade que tem terra, outra que é jornaleira, outra que é assalariada, latifundiária, outra que emigra e que desenvolve pelo menos dois tipos de formas de conhecer e entender; outra ainda, que vai vivendo de empregos e serviços. Sabe-se ainda que toda esta população subordina a sua identidade a um tipo de nacionalismo nostálgico que cultivou o Estado Novo, supondo-se que com o desaparecimento das gerações que o vivenciaram, o mesmo venha a cair no esquecimento.

A população portuguesa orienta o cálculo da sua vida e actividade, por uma teoria que deriva da dominância da estrutura do parentesco e dos pragmáticos usos que a população faz do dogma religioso, que ela própria tem criado como experiência de vida, e que lhe é devolvido em forma de fé e de normas, que pode ou não cumprir e acreditar.

Neste sentido, a passagem procurada de uma à outra sociedade, é a saída daquela que calcula as actividades pela autoridade da estrutura familiar que tem desenvolvido ao longo dos séculos um *attachement*, um vínculo entre indivíduos, baseado fortemente na lealdade, na não concorrência, na ajuda mútua, na solidariedade que tem sido a base do relacionamento interactivo reforçado pelo ritual. O seu papel é estabelecer vínculos que têm a divindade por testemunha e a autoridade da igreja por orientação. Todavia, a necessidade pragmática de desenvolver o processo quotidiano da vida, como contexto do

que diga qualquer autoridade, é o que acaba por mandar nos preceitos dogmáticos.

É no entanto, uma sociedade solidária, que deriva a sua cultura de cooperação, dos meios e instrumentos de trabalho, da teoria das alianças, e principalmente da desigual repartição de conhecimento de trabalhos e habilidades entre os indivíduos da família que em conjunto formam a memória de como conservar o corpo, a saúde, e como coordenar os recursos técnicos com os quais se trabalha e dos quais faz parte uma pessoa. É uma solidariedade derivada da percepção pragmática de que a escola não entrega todos os conhecimentos de que um indivíduo necessita para saber gerir recursos e que deve, em consequência, confiar no ensino doméstico e da vizinhança, onde ao ver e ao ouvir é que se aprende, o que permite sobreviver. Mas, um ver e ouvir que já "*dá menos do que já deu*" no que diz respeito ao saber, dado que a escola ainda não entrega mais elementos práticos no seu ensino.

O insucesso é uma avaliação prévia, um aferimento prévio que faz a sociedade que ensina, a sociedade que sistematiza um saber e que o devolve e entrega à geração seguinte de uma forma sistemática e pensada. Todavia, o mundo tem continuado apesar do insucesso. Por outro lado, quer na escola primária, quer no liceu ou nas universidades, não se entrega todo o conhecimento de que os Homens necessitam na vida. Quando se fala de insucesso, está-se a falar de uma técnica de entregar, de devolver o saber, que tem a ver com uma outra que se chama teorizar de uma forma escrita, e abstrair o real para uma teoria. Esta teoria é uma teoria unificadora, subordinante, que é dada como uma verdade oficial aos estudantes. É então aí que se fala de insucesso. Mas não será que as sociedades, sendo heterogêneas como são, não terão diversos conhecimentos que não estão teorizados no ensino oficial?

É por isso que falo de mito: é verdade que há insucesso escolar, mas ele é exclusivamente respeitante a um tipo de saberes que agora a reprodução do lucro precisa.

3 — A Passagem da Oralidade à Escrita

A aprendizagem que a população faz para suprir o que a escola não entrega, e que permite viver, é a aprendizagem que provém da lealdade e adesão a quem demonstra ter maiores dotes de conhecimento na redução do erro, que pode arriscar o trabalho e a vida na domesticação da natureza e das relações sociais, na compreensão das situações que explicam o comportamento das pessoas, na capacidade de promover, prever e gerir recursos, e, especialmente, de aferir quem sabe o quê numa tarefa e a pode distribuir.

O saber oral debruça-se pela vida doméstica e de vizinhança, sustentando na rede de parentesco os seus direitos e obrigações; a letra da lei, do

conhecimento, da memória com que se consignam os factos, sendo consumido e logo posto de parte perante os textos que a própria tecnologia emprega. O saber oral, ao ficar consignado a gestos, palavras e interpretação de instrumentos e natureza e na memória pessoal dos indivíduos que treinam outros enquanto com eles trabalham, é um saber não só personalizado bem como conservador e altamente emotivo: a autoridade da palavra provém do convencimento de que quem faz sabe, porque consegue. A teorização desta lealdade na teoria religiosa, complementa à subordinação a mestria.

O pensamento escrito, ao contrário, não se mostra nem se prova na acção, não colabora na força, não gera hierarquias de aptos que coordenam outros aptos numa cadeia sem fim de aptidões coordenadas por um gestor de um saber específico. O pensamento escrito é, primeiro, resultado da subordinação da mente a uma teoria previamente elaborada; segundo é a prática experimental de quem observa um fenómeno para, terceiro, anotá-lo e assim poder, em quarto lugar, manipulá-lo e incrementar o saber expandindo-o.

A consequência é uma interacção da pessoa com o texto, com um conjunto de ideias despersonalizadas, não só escritas ou desenhadas, bem como provenientes de outros sectores da experiência reprodutiva da sociedade, que reduz o saber a precisão de raciocinar em base à interpretação do valor da palavra e o seu lugar na frase hermenêutica e a fórmula matemática que abstrai os recursos e a sua circulação, a valores que fazem a história da sociedade por meio da economia.

A escrita produz, no entanto, uma hierarquia no social, que corre por linhas paralelas nas quais se vive o quotidiano: enquanto cada indivíduo é cuidado no seu lar, onde aprende o que lhe permite sobreviver numa sociedade rural ou sem emprego que acredita dogmaticamente na autoridade; na escola, começa a subordinação ao saber anónimo, alheio, despersonalizado e concorrencial, onde a autoridade não é quem mostra materialmente a sua capacidade, bem como quem tem o diploma, seja que o tem porque sabe e transmite, seja porque estava bem posicionado na estrutura da forma dominante da reprodução social.

4 — O Pensamento Escrito e a sua Transmissão

Mas, é um facto que desde o século XVIII se avança para formas unificadas de pensar, onde a heterogeneidade das especialidades individuais coordenadas por uma autoridade — quem sabe ou quem tem e tem que saber para continuar a ter — é subordinada a maneiras oficiais do saber e da interpretação. A escola predomina como instrumento ou instituição subordinadora e redistribui as hierarquias sociais, as autoridades e os níveis de entender o real para o transformar. A passagem que acontece é a de uma individualização de um ser humano, até agora agasalhado num colectivo onde o seu saber é maximizado

na colaboração, que entra pelos meandros da diversidade do saber total sem conhecer, primeiro, a origem que dinamiza e constroi a cultura letrada, segundo sem ter uma panorâmica geral da divisão de conhecimentos especializados pelos que se reparte a experiência interpretativa da reprodução social. Em terceiro lugar, descurando que não é só o saber racional que é preciso para o pensamento escrito, mas também a posição social de onde se é proveniente e que determina esse chegar a um saber: a reprodução é por descendência, não apenas por capacidade.

Estes factos são os que se depreendem da capacidade de manipular os fenómenos que reproduzem as relações sociais. Este pensamento escrito, que individualiza e ensina a concorrer, é transmitido irreflectidamente por reiteiração e memorização, com experiências longíquas e com alto uso da culpa que já circulava entre a população desde que a catequese e as práticas rituais, comandadas pelo crer e não pelo entender da Igreja, acompanham o quotidiano dos jovens e crianças.

A escola está a treinar na teoria do individualismo, seres humanos que praticam a sua vida no colectivismo. Este desencontro é não só afectivo mas é também um desencontro de lógicas: do normativo ao opcional. O jovem sai do seu contexto, do mundo dado e pensado por outros, onde tudo está apaparicado, para o mundo do opcional. Passa assim da autoridade afectiva e ritual para a autoridade dos especialistas.

O insucesso escolar é a forma transicional que adopta a passagem do processo de reprodução da sociedade quando o paradigma positivista que ensina a ouvir, ler, debater e provar numa dimensão contratual, tenta tomar vantagem sobre a prática da autoridade que ensina provando materialmente que sabe, com o seu corpo e o seu exemplo, numa perspectiva de lealdade e colaboração, onde o docente se debate entre o seu papel de autoridade porque tem o conhecimento esotérico da sua especialidade, e a emotividade da sua própria formação oral.

Quando falamos do mito do insucesso escolar estamos a falar como o próprio decreto diz, dessa obrigatoriedade que o sr. Ministro da Educação e os seus colaboradores estão a impôr. Esse decreto fala de melhorar a qualidade e eficiência da escola e de todas as voltas sobre o mesmo tema, como se fosse ela a única para ensinar. Metaforicamente ela fornece 25% do que se aprende na vida para se poder viver.

A inclusão das formas culturais locais que contextualizam o pensamento escrito, é a única forma de ter sucesso: aproveitar o facto histórico de que o saber oral comanda o escrito para educar racionalmente, salvo se se quiser sacrificar parte da população para uma rápida obtenção de lucro.

Bibliografia

Enquanto escrevia este artigo, tinha em mente os seguintes textos:

- DELUMEAU, Jean, *Le péché et la peur, La culpabilization en Occident*, Fayard, 1983.
- FORTES, Meyer, *Time and social structure. Essays*, Cambridge University Press, 1958.
- *Oedipus and Job in West African Religion*, Cambridge University Press (1954) 1983.
- GOODY, Jack, *The domestication of the savage mind*, Cambridge, University Press (1959) 1983 (há versão portuguesa, ed. Presença).
- *The logical writing and the organization of society* Cambridge University Press, 1986 (há versão portuguesa, Edições 70).
- LEVI-STRAUSS, Claude, *La pensée sauvage*, Plon, Paris, 1962.
- LEVY-BRUHL, Lucien, *L'âme primitive*, PUF, (1922) 1963.
- MAUSS, Marcel e DURKHEIM, Emile, "Des quelques formes primitives de classification", *Année Sociologique*, vol. VI (1901-1902).
- ROUSSEAU, Jean Jacques, *L'Émile ou de l'éducation*, Librairie Garnier Frères, Paris, (1762).

Dos meus trabalhos publicados em Portugal, podem ser consultados:

"Casamento, ritual e lucro: a produção de produtores numa aldeia portuguesa" (1862-1983) in *Ler História* N.º 5, Lisboa, 24 pgs. — "Trabalho de Campo e observação participante em Antropologia", in A. Santos e J. Madureira Pinto (org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Afrontamento, Porto, 17 pgs. — "Cultura oral e cultura escrita: uma avaliação" in *O estudo da História* N.º 2, II série, Lisboa, 6 pgs. — "A religião como teoria da reprodução social", *Ler História*, N.º 15, Lisboa, 16 pgs. — "A revolução que não conseguiu matar a divindade", *Ler História*, N.º 17, Lisboa, 12 pgs. — "Fugirás à escola para trabalhar a terra: a construção do insucesso escolar na reprodução social", in *Revista Lusitana*, Out., 15 pgs. — "A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem" in *Revista da Escola Superior de Educação de Bragança*, Nov. 1989, 14 pgs.